



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A fantasia utópica e a possibilidade real em Bloch

Por: Giovani Luiz Zimmermann Júnior¹

betelonline1@gmail.com

... o mundo há muito já possui o sonho de uma coisa, da qual ele só precisa possuir a consciência para possuí-la realmente. (Marx, Carta a Ruge, 1843)

Resumo

Para Bloch o ser humano não se basta, ou seja, ele sempre está sendo movido para frente, interiormente tem uma expectativa de que está caminhando para um lugar melhor, dias melhores, um mundo melhor é possível. Existem elementos no interior do homem que o fazem esperar, é a esperança a brotar trazendo vitalidade, juventude e expectativas. Segundo Bloch (2005, p.73) essa esperança "...não desaparece por si mesma, mas somente dando-se uma nova forma". Essa possibilidade de "velejar em sonhos" faz com que o ser humano seja humano. A vida ainda está aberta, existe incertezas na existência humana. O ser humano constantemente "fabula desejos" e encontra dentro do seu coração material e recurso suficiente para sonhar e projetar-se a frente. É uma espécie de fermentação acima da consciência humana. Isto é o que Bloch descreve como primeiro "correlato da fantasia". Mesmo aqueles sonhos que parecem ser idiotas tem um ar de esperança, de expectativas dentro do coração humano. É uma "efervescência utópica", é uma existência mais intensa, mais vivaz. Bloch (2005, p. 73) declara: "É como se aqui algo tivesse ficado oco, um novo espaço vazio teria acabado de surgir. É nele que se movem os sonhos, e no seu interior circula o possível que talvez nunca poderá se tornar exterior".

1. É mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Toledo/ PR, é Especialista em Neuropedagogia pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-graduação - ESAP e Graduado em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil - FACETEN.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Palavras-chave: Fantasia utópica; Realidade em Bloch.

Resumo

Por Bloch, homo ne sufiças, tio estas, ĝi estas ĉiam estanta movita antaŭen, internen havas atendon kiu movas al pli bona loko, pli bona vivo, pli bona mondo eblas. Estas elementoj ene de la viro ne atendas estas la espero burĝoni alportante viveco, juneco kaj atendoj. Laŭ Bloch (2005, p.73), ke espero "... ĝi ne malaperas per si mem, sed nur donante nova maniero." Tiu kapablo "navigi sonĝoj" faras la homo estas la homa. Vivo estas ankoraŭ malfermita, ekzistas necerteco en homa ekzisto. La homo konstante "fabula deziras" kaj estas inter viaj koro havajxoj kaj sufiĉa rimedo sonĝi kaj projekti antaŭen. Ĝi estas speco de fermentado super la homa konscio. Jen kion Bloch priskribas kiel la unua "Fantazio korelativaj." Eĉ tiuj sonĝoj kiuj ŝajnas esti idiotoj havas aeron de espero, atendoj ene la homa koro. Estas "utopio efervesko" estas pli intensa ekzisto pli vivos. Bloch (. 2005, p 73) asertas: "Estas kvazaŭ io estus cxi tie kava, nova malplena spaco estus nur aperis. Ĉu movi sonĝoj, kaj lia interno cirkulas eblas kiu eble neniam fariĝis fremda. "

Ŝlosilvortoj: Fantazia utopia; Realajo en Bloch.

The author has not sent a Summary in English. We're sorry for the inconvenience! - The Editor.

O mundo ainda está inconcluso, muito pode ser feito, muito pode ser melhorado. É possível fazermos um mundo melhor, a esperança é a mola propulsora para dias melhores, "...nada circularia interiormente se o exterior fosse totalmente estanque". Bloch aqui combate a visão fatalista e determinista de muitos. Este mundo não está consumado, pelo contrário, ele está ainda em formação, construção e em constante transformação. Os homens movidos pela esperança são agentes transformadores. Segundo Jameson, a ênfase dada por Bloch à esperança não traz uma perspectiva otimista: "(...) a esperança é sempre frustrada, o futuro é sempre algo diferente do que lá procurávamos encontrar,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

algo ontologicamente “em excesso” e necessariamente inesperado” (JAMESON, 1985, p.109). As relações assim como a vida são dinâmicas, estão em movimento, continuam fluindo. O real para Bloch é “processo” e o autor o coloca como um mediador entre o presente, o passado pendente e sobretudo o futuro possível. Bloch chama isso de “*front*” para ele todo o real passa a ser “o possível”, é um “parcial-condicional”, é um possível real. Esse novo real está amadurecendo, pois as novas condições estão em aberto. Conforme declara:

O ser em movimento, que vai se modificando, que pode ser modificado, assim como se apresenta em termos dialéticos-materiais, tem esse poder-vir-a-ser inconcluso, esse ainda-não-estar-concluído tanto na base quanto no seu horizonte. De modo que a partir daí pode ser afirmado que o realmente possível da novidade suficientemente medida, ou seja, mediada em termos dialéticos-materialistas, confere à fantasia utópica o seu segundo correlato, o correlato concreto situado fora de um mero fermentar, de uma mera efervescência no círculo interior da consciência. (BLOCH, v.2, p.74)

Este ser em movimento é o ser humano que segundo a cosmovisão materialista- histórica está se modificando todos os dias, esse ser está em contante transformação, assim como o mundo ao seu redor. Por isso o utópico pode se tornar o “real possível” trazendo concretude a esperança interior dos seres humanos. Isso se este homem tomar consciência das possibilidades e de suas potencialidades diante dos desafios da vida social e pessoal. Por isso nenhum determinismo ou fatalismo segundo Bloch pode prevalecer contra a utopia. A própria realidade ainda não foi elaborada, ela contém elementos que “estão irrompendo”. Conforme afirma Bloch (2005, v.2, p. 74) “O homem do tempo presente domina perfeitamente a existência no limite, fora do contexto expectante



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

habitual em relação ao que veio a existir". Esse ser é o dono do seu tempo, sua existência e seu mundo, que está em aberto para novas possibilidades. Tudo pode vir a existir, basta querer, basta tomar essa consciência emancipadora. Esse homem irrompeu nesse real de forma "abaladora", esse é um novo conceito de realidade que supera os conceitos ultrapassados, engessados da segunda metade do século XIX de "um mundo ideal descompromissado da pura aparência" dos positivistas. Não existem para Bloch "totalidades fechadas" pois o marxismo apregoa uma força atuante, uma vida engajada por um mundo melhor, com menos injustiças sociais, menos escravidão e opressão e maior liberdade entre os homens. O sonho segundo Bloch avança para a "frente concreto". Esses elementos antecipatórios contidos no interior do homem são componentes necessários dentro da própria realidade. Esse "otimismo militante" faz com que o ser humano derrotado e oprimido volte a tentar o lado de fora, a externar suas maiores esperanças e sonhos diurnos. Todo "pântano existencial" pode ser drenado, modificado pela ação humana.

Conforme afirma Bloch (2005, v.2, p.75) "Redobrando a coragem e o saber, o futuro não virá como fatalidade sobre o ser humano, mas o ser humano virá sobre o futuro e ingressará nele com o que é seu". Essa consciência emancipadora faz com que o homem mude sua realidade e não se acomode com as circunstâncias hostis a sua existência e preservação no mundo que está em aberto. Esse saber precisa da coragem de enfrentar os desafios, mas necessita também da força da decisão humana. Esse saber não pode ser contemplativo, passivo como se tudo estivesse já concluído, isso é uma espécie de "cegueira quanto ao futuro". Essa decisão corajosa e engajada acompanha o processo, envolve-se ativamente e reconhece o "bem que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vem abrindo caminho”, restaurando a dignidade do ser humano quanto pessoa livre e agente transformador. São indivíduos que reconhecem e trabalham dentro desse “rico tecido processual” que contém o passado, o presente e o futuro possível. Estes são sujeitos da própria “produção consciente”. Jamais serão quietistas, nem mesmo otimistas banais que creem no progresso automatizado. Jamais cruzam os braços diante do Estado do futuro como se esse fosse fechado ou determinado. Muito menos são passivos diante da resolução de Deus, muitas vezes instrumentalizada pelo capitalismo chamando os homens para uma atitude passiva-reflexiva.

Para Bloch (2005, v.2, p.75) uma “pitada de pessimismo seria preferível a fé no progresso automático” pelo menos esse pessimismo não fica desamparado diante de surpresas, fracassos e catástrofes impostas pela vida. Esse saber faz com que a possibilidade real tenha correlato com o utópico-concreto. Essa postura de decisão corajosa com saber envolvendo trabalho e ação concretamente mediado se chama “otimismo militante”. São elementos reprimidos liberados do interior para o exterior por uma sociedade nova, humanizada dentro de um ideal concreto. É uma decisão revolucionária de uma camada da sociedade capitalista explorada chamada de proletariado, que se engaja numa “batalha final das libertações”. Esse otimismo militante precisa ser de fato efetivo, duradouro e revolucionário, mas baseado na realidade, movido pela utopia-concreta. É um otimismo bem fundado, uma decisão concreta que luta contra o imobilismo do senso comum. Esse otimismo militante está em paz com o processo, corrige sempre o fatal imobilismo tendencioso dos seres humanos influenciados pela elites dominantes e sua mídia influenciadora. Isso é para Bloch estar no “front”, ou seja, na frente de batalha para um mundo melhor. Para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aqueles que estão alienados pelo pensamento capitalista atual, o pensamento utópico soa inconsistente e sem importância. Para o mundo da “riqueza sem paralelo, a produção computadorizada, as descobertas médicas e científicas inimagináveis há um século, além de uma variedade interminável de prazeres materiais e culturais” (JAMESON, 2006, p.159), o pensamento utópico soa como algo aborrecido e ultrapassado. Mas conforme declara Bloch (2005, v.2, p.76) “A filosofia da esperança compreendida se situa, por isso, *per definitionem* no *front* do processo do mundo, isto é, no trecho mais avançado, muito pouco refletido do ser, da matéria movida, utopicamente aberta”. Esse tipo de filosofia desperta os homens do seu imobilismo fatalista, e o chama a revolucionar o mundo presente com ações transformadoras. Fazendo com que suas esperanças e sonhos diurnos tornem-se concretos, e ele seja o sujeito desse processo. Essa consciência do advento fundamenta esse prometido “*novum* da felicidade”. Esse *novum* está contido em todas as grandes religiões do mundo, um exemplo é a expectativa cristã do “novo céu e nova terra”. Em Bergson esse novo é uma oposição abstrata a repetição, freqüentemente como mero reverso da unanimidade mecânica. Em Bergson um grande amor pelo *novum* é efetivo, uma grande inclinação pela abertura salta aos olhos, mas o processo permanece vazio e reiteradamente nada produz além do processo. Bergson segundo Bloch não tem um *novum* autêntico, esse conceito Bergsoniano apenas estabiliza a ideia da novidade capitalista na moda. Esse *pseudo-novum* de Bergson está segundo Bloch na “burguesia tardia”.

O *Novum* Blochiano possui dois elementos essenciais: a possibilidade e a finalidade, que em Bergson é forçosamente excluída. Para Bergson só existe um “possível tendo sido”, é uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

projeção lançada para dentro do passado pelo que de novo está surgindo. Bergson perde a essência do conceito de *novum*, pois estabelece a finalidade como o mero estabelecimento de um alvo final rígido. Já Bloch vê o *novum* como o pendor almejante da vontade humana, que busca nas possibilidades ainda abertas do futuro o seu para-onde e o seu para-quê, um pendor almejante do trabalho com planejamento e ação humana. Para Bloch a novidade ou *novum* triunfa no *ultimum*, pois o horizonte ainda está aberto. Essa categoria *ultimum* não é parecida como um prazo para o tempo como na cosmovisão judaico-cristã. Na verdade desde Fílon e Agostinho até Hegel o *ultimum* se refere a um *primum* e não a um *novum*. É uma espécie de retorno a um primeiro já consumado, perdido e alienado. Como uma fênix que se queima e se renova. É um eterno retorno cíclico como se o mundo se emanace de si mesmo e retornasse para si. Conforme afirma Hegel *apud* Bloch (2005, v.2, p.77): “Cada uma das partes da filosofia é um todo filosófico, um círculo que se completa em si mesmo (...) A partir daí, o todo se apresenta como um círculo de círculos”.

Para Bloch estas estruturas aprisionam a “possibilidade real” e as desconsidera, banalizando o “produto histórico” como se esse fosse rememorado ou restaurado de algo que se possuía outrora, algo que se perdeu. Dentro da dialética movida pela inquietação não existe este ciclo tenaz, pois o conteúdo final não pode existir *ante rem*, pois ele é o ser não surgido. O *ultimum* abre um leque enorme de possibilidades, novos horizontes, quebrando os paradigmas de um mundo fechado. Conforme declara Bloch (2005, v.2, p.78) “...há algo ainda imaturo e ainda não realizado, assim também a realização do próprio realizar, a realização do que está sendo realizado está sempre começando a principiar”. Para o autor



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é somente no *front* que a possibilidade real dentro do processo histórico é aberto, uma possibilidade indireta. É quando a utopia se antecipa e se torna concreta. É o ainda-não-ser tornando-se mediante a ação humana o ser. Esse novo acontece passo-a-passo, momento a momento na história. Pois para Bloch “nem tudo é possível e executável a qualquer hora”. Às vezes pular um caminho pode levar toda utopia ao fracasso, a não realização, a concretização do sonho que é possível. Para Bloch tudo aquilo que encontra as condições dadas na proporção suficiente é possível. Mas aquilo que não encontra as condições necessárias é ainda impossível. Por isso se faz necessário uma “precaução crítica” com o cuidado quanto a “velocidade da caminhada”, para que a expectativa criada nos corações humanos sejam bem fundadas garantindo assim um “otimismo militante” para que os objetivos definidos sejam alcançados e as possibilidades concretizadas. Para Bloch (2005, v.2, p.79) “Possibilidade real é apenas a expressão lógica para a condicionalidade material do tipo suficiente por um lado e abertura material (inesgotabilidade do útero da matéria) por outro”. Essa expectativa plena ilumina a “teoria-práxis” revolucionária com muito entusiasmo. Essas condições diferentes foram percebidas conforme a medida do possível e a investigação das mesmas perspectivas do “sendo-em-possibilidade”. Essa análise da história e de suas condições práticas atuais, fazem com que a própria história sucumba ao perigo do economicismo e do oportunismo que se aquece do seu alvo, evitando a “nebulosidade do entusiasmo”, adentrando no que para Bloch é “um pântano do filistério”, do compromisso dúbio, traíndo a própria história e o movimento revolucionário. Para o autor a análise das condições



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nessa totalidade do histórico desmascara as ideologias em seus desencantamentos da "aura metafísica".

Outro exemplo disso que estamos falando são as duas correntes do marxismo: A corrente fria e a corrente quente. A corrente fria faz do marxismo não só uma "ciência das condições", mas também uma "ciência de luta e oposição" a tudo aquilo que é como que um "entrave" e "dissimulações" de ideologia de ordem econômica. Já a corrente quente promove a "intenção libertadora" e a cosmovisão "materialista-humana", e é em função disso que seus desencantamentos são empreendidos. Nessa visão o proletariado humilhado, escravizado e abandonado chega a um ponto de "transbordo" para então se emancipar. É a promoção do "reino da liberdade" onde todos serão iguais não só perante a lei, mas também mediante fatores sócio-econômicos. Bloch enxerga o marxismo como a doutrina do calor pois fomenta o "ser-em-possibilidade" de forma positiva. Uma ideologia que prega a liberdade, a "pátria da identidade" em que todo ser humano não se comporte como estranho perante o mundo, e nem o mundo com relação a ele. É o *front* da matéria o movimento da matéria sempre avante, sempre a frente. Nessas aberturas que a vida possibilita a matéria possui uma latência, uma efervescência rumo aos conteúdos "reais-objetivos" que existem na esperança. Bloch chama os homens a sobrepujar sobre sua própria existência na história e no mundo onde estão inseridos, evoca a "transcender sem transcendência", ou seja, a mudar o mundo sem apelar a fatores ou seres metafísicos. Ele entende que o processo age sobre a terra mediante o "trabalho humano". Ele chama a todos a um materialismo para a frente, ao abandono de uma "objetivação despropositada". Isso fará com que este mundo não tenha mais alienação daqueles que hoje são



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“sujeitos-objetos” chegando a verdadeira liberdade entre os homens. Para Bloch a verdadeira liberdade só será possível numa “sociedade sem classes”, ali a liberdade será um ser-em-possibilidade. A verdadeira humanização ocorre quando a esperança está bem fundada numa ação humana livre, emancipada, baseada numa sociedade sem as desigualdades sociais e alienações fruto de injustiças sociais e desequilíbrios econômicos.

Bibliografia

- BARRENTO, João. **Realismo-Materialismo-Utopia: Uma Polêmica (Lukács, Bloch, Brecht, Eisler)**, 1978.
- BICCA, Luiz. **Marxismo e Liberdade**. São Paulo: Loyola, 1987
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, V. I e II.
- JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma Teorias dialéticas da literatura no séc XX. Cap III Ernst Bloch e o Futuro**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- _____. “A política da Utopia”. In SADER, Emir (Org.) **Contragolpes**. Seleção de artigos da *New Left Review*: São Paulo: Boitempo. 2006.
- MUNSTER, Arno. **Ernst Bloch: filosofia da praxis e utopia concreta**. São Paulo: UNESP, 1993.
- VILELA, Daniel Marques. **Utopias esquecidas. Origens da Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013